

OS DIFERENTES INTERESSES PELO APRENDIZADO DE VÔLEI NO ENSINO MÉDIO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

OLIVEIRA, Francine Jeanne de ¹
VICENTE, Jones Ferreira²

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo analisar a situação de gênero no tocante ao aprendizado de voleibol no Ensino Médio. Tal interesse se dá por entender que o voleibol, enquanto prática desportiva nas escolas públicas, é indispensável para a formação física e social dos alunos, e, por isso o seu ensino deve ser adequado à realidade dos alunos. Portanto, pautamos no estudo as relações de gênero quanto ao interesse pelo voleibol, pois entende-se o gênero aqui como uma construção histórico-social, que pode ser transformada por meio de uma prática da cultura corporal, sem quaisquer restrições. Conclui-se que o voleibol passou a fazer parte do contexto escolar, e, embora a ocupação dos espaços destinados à prática esportiva ainda seja predominantemente masculina, o universo feminino vem se apropriando de todas as práticas desportivas.

Palavras-chave: Gênero. Aprendizado de Voleibol. Ensino Médio.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos em uma sociedade marcada por exclusões, dentre as quais destaca-se a questão de gênero. Nas aulas de educação física, em muitos casos ainda persiste essa divisão de forma nítida, ou seja, a separação de meninos e meninas diante algumas práticas desportivas na escola. Mesmo assim, a prática do voleibol pelas meninas nas aulas de Educação Física tem se firmado a cada dia. Entretanto, muitas famílias ainda entendem que alguns esportes praticados por meninos não são adequados para as meninas. Para melhor compreendermos este processo de transição, torna-se necessário a conceituação e algumas reflexões com relação à categoria “gênero”.

Sendo assim, tem-se nesta pesquisa o objetivo de analisar a perspectiva

¹. Acadêmica do 6º Termo de Educação Física – Licenciatura – da FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré- SP.

². Orientador; Professor Titular da FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré- SP.

dos professores e alunos sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física, mais especificamente o trabalho com voleibol.

De acordo com a LDB 9.394/96, a Educação Física tem as finalidades de: consolidar e aprofundar os conhecimentos construídos no ensino fundamental; possibilitar a continuidade dos estudos; preparar para o trabalho e cidadania, bem como desenvolver habilidades como continuar a aprender, capacidade de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento. E ainda, aprimorar o educando como ser humano, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Nesse sentido, é importante identificar como se efetua o processo ensino-aprendizagem do voleibol, como instrumento de inclusão social nas escolas da rede pública, ou seja, compreender as possíveis implicações da escolha dos conteúdos da Educação Física e as relações de gênero.

Então, a relevância do tema encontra-se na descoberta de como são realizadas as práticas desportivas no contexto atual, de aulas coeducativas. Teremos a possibilidade de visualizar se ainda existem ideias estereotipadas no conduzir das aulas, se os professores estão conseguindo mobilizar as aulas para trabalharem as diferenças enquanto gênero nas aulas práticas

Esta pesquisa trata-se de um estudo de revisão de literatura, pois utiliza acervos de cunho científico como; artigos, dissertações, obras literárias impressas e virtuais, e, conforme Richardson (2007), esse método pode propiciar ao pesquisador maior análise dos resultados da pesquisa acerca do qual se trata a temática. Sendo assim, serão estudados autores como: Bojikian (2005), Brougère (1998) Romero (1994), Scott (1995), Vianna (2003) entre outros.

Para Gil (1997), pesquisa explicativa é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, devido explicar o porquê das coisas. Ou seja;

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de

livros e artigos científicos. (GIL, 1997, p.71).

Portanto, os fenômenos questionados em uma pesquisa podem ser descritos através de dados teóricos apresentados com o devido rigor metodológico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve Histórico do Voleibol

O conceito de vôlei surgiu em 1895, com o americano William George Morgan, que assumira naquele ano o cargo de professor de educação física na faculdade YMCA (Associação Cristã de Moços) de Holyoke, Massachusetts (EUA), quando buscava criar uma nova competição em quadra coberta que pudesse ser praticada pelos seus alunos.³

Quando estudava na faculdade da YMCA em Springfield, Morgan conheceu James Naismith, que havia criado o basquete em 1891. No entanto, o basquete era muito intenso e com muito contato físico, o que era um atrativo para os jovens. O objetivo de Morgan era criar um jogo recreativo que ao mesmo tempo fosse competitivo e sem contato físico. Aplicando seus conhecimentos dos métodos de treinamentos esportivos e sua própria experiência como atleta, Morgan desenvolveu sua ideia, e criou então o voleibol.⁴

Quanto ao voleibol no Brasil, não se tem registro de quando o vôlei chegou por aqui. Oficialmente, a primeira competição do esporte no país foi realizada em Recife (PE), em 1915, organizada pela Associação Cristã de Moços (ACM) local, e com regras e regulamentos definidos. Assim, tudo leva a crer que o esporte já era praticado informalmente antes desta data. A partir daquele momento, entretanto, colégios de outras cidades pernambucanas passaram a ter o vôlei como uma de suas disciplinas de educação física.

³ <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=466>

⁴ <http://travinha.com.br/2010/02/10/volei-a-origem/>

Somente dois anos depois, em 1917, o esporte chegou à ACM de São Paulo.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), juntamente com a Federação Carioca de Voleibol, patrocinou a primeira competição internacional da qual o Brasil participou, foi o 1º Campeonato Sul-Americano, em 1951. Isso se deu antes da fundação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), em 1954. O evento aconteceu no ginásio do Fluminense, no Rio de Janeiro, entre 12 e 22 de setembro daquele ano, sendo campeão o Brasil, no masculino e no feminino.

A partir daí, com o objetivo de expandir e desenvolver o vôlei no país, foi criada, em 1954, a Confederação Brasileira de Voleibol. Uma década depois, o vôlei brasileiro esteve presente nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Fato interessante é que, assim como no futebol, o Brasil é o único país que disputou todas as Copas do Mundo, os sextetos nacionais masculinos de vôlei participaram de todas as edições das Olimpíadas. Já a estreia do Brasil em competições na Europa se deu no Campeonato Mundial de Paris (FRA), em 1956, quando a Seleção masculina foi comandada pelo técnico Sami Mehlinisky. O Brasil terminou na 11ª colocação.⁵

Ao contrário de muitos esportes coletivos, tais como o futebol ou o basquete, o voleibol é jogado por pontos, e não por tempo. Cada partida é dividida em sets que terminam quando uma das duas equipes conquista 25 pontos.

O jogo inicia com a bola sendo lançada para o campo do adversário por um jogador que se coloca atrás da linha de fundo de seu campo. Este lançamento é chamado saque. No saque a bola deve ser golpeada e não lançada.

2.2 O Vôlei e a Questão de Gênero

O esporte em geral é tratado por vários autores como um fenômeno sociocultural, sendo considerado um patrimônio da humanidade. O esporte está presente no nosso dia-a-dia: entramos em contato com ele por meio da transmissão de jogos pela televisão, programas esportivos, jornais impressos,

⁵ <http://www.efdeportes.com/efd170/historia-do-voleibol-no-brasil.htm>

rádio, ou mesmo em praças esportivas e clubes, onde existem inúmeras pessoas vivenciando práticas de diferentes modalidades.

Enquanto conteúdo escolar, o esporte pode proporcionar a interação social dos alunos, bem como fazer com que eles se sintam motivados a aprender. Entre os vários esportes praticados na escola o voleibol apresenta muitas vantagens, pois pode melhorar o relacionamento entre os colegas e desenvolver diversas competências físicas dos praticantes, como agilidade, coordenação motora, velocidade, tempo de reação. Entretanto, o que se observa é que este esporte ainda é pouco difundido, ou mesmo trabalhado nas escolas, e, em muitos casos quando acontece, é apenas como recreação, ou seja, não é pensado uma metodologia em que os alunos aprendam a jogar e ao mesmo tempo exercitem suas habilidades motoras.

Portanto, entendemos que a educação física tem um papel que vai além de seus conteúdos práticos, pois por meio da prática esportiva o professor deve estimular a solidariedade e combater as atitudes violentas, a fim de promover uma boa socialização entre os alunos. Para isso os conteúdos esportivos a serem trabalhados nas aulas devem ser selecionados já com o objetivo de alcançar mais que a só prática esportiva.

Seguindo esse parâmetro, a compreensão do termo gênero é fundamental para entender a relação dos educandos no dia a dia das escolas, uma vez que, ao longo de muitos anos foi promovido uma espécie de competição que considerava as diferenças entre meninos e meninas, com os papéis sociais desempenhados por cada um deles, dentro da escola principalmente nas aulas de Educação Física.

De acordo com Abreu & Andrade (2010) o termo gênero começou a ser difundido no Brasil em 1970. Já em Educação física foi só em 1990, quando o termo deixou de ser visto estritamente como biológico e passou a ser visto como função social. Entretanto, para que seja visto como função social, é preciso compreender as diferenças de gênero nas aulas de educação física como fronteiras que constantemente são construídas e cruzadas. Uma vez que, há quem resista às normatividades e faça esse percurso entre o "normal" e o "diferente", assim como há as implicações e as dificuldades em se percorrer tal caminho.

A adoção do conceito de gênero, historicamente construído, é um passo importante para sairmos das explicações das desigualdades a partir de fundamentações que se baseiam nas diferenças físicas, biológicas. As relações entre os sexos são construídas socialmente e, portanto, podem ser mudadas, assim como a hierarquia entre homens e mulheres. (VIANNA, 2003, p.47).

Observando a prática dos professores de Educação Física, Romero (1994) argumenta que ainda se constata a insistência de discriminação de gênero para as atividades físicas. Como consequência, observa-se o porquê da falta de habilidades motoras envolvendo os grandes músculos evidenciados pelo grupo feminino. Ou seja, estas alunas, ao chegarem no 5º ano de escolarização, quando normalmente são trabalhadas por professores da área, apresentam um estágio de habilidades motoras significativamente inferior aos meninos.

Para Scott (1995), gênero é entendido como uma conexão integral entre duas proposições, ou seja: "gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". (SCOTT, 1995, p. 86).

Sendo assim, as atribuições do professor de Educação Física na escola vinculam-se à finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Ainda dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. Isso significa que, na prática não podemos perpetuar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas.

Goellner (2007) afirma que:

Não é o corpo 'em si' que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher nem mesmo se ela tem ou não capacidade para dirigir uma federação esportiva ou para treinar uma equipe de alto rendimento. É a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações. (p.189).

Portanto, é muito importante analisar e entender as construções e os cruzamentos de fronteiras de gênero, por meio das aulas de educação física, ou seja, compreender o porquê, o como e quando estas fronteiras são firmadas

e rompidas. Ou ainda, entender de que forma as práticas corporais, os professores e os estudantes intervêm nesses processos, se de modo a aumentar ou diminuir as barreiras, ou permitir que essas barreiras sejam ultrapassadas. O objetivo, portanto, é perceber as nuances envolvidas neste meio, como fronteiras a serem vencidas, modificadas ou reafirmadas.

Trata-se de um questionamento pertinente, pois sabe-se que no decorrer dos séculos ocorreu uma diferença no tratamento de homens e mulheres em relação às práticas corporais e que tal tratamento baseia-se em uma questão histórica e cultural. De acordo com Cruz & Palmeira (2009)

Historicamente, as mulheres têm exercido papéis secundários em relação aos homens, em quaisquer setores da sociedade. Essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero. (Cruz & Palmeira, p. 01, 2009)

Nesse sentido, é necessário acreditar que o voleibol não deve ser visto e entendido apenas como uma simples forma de lazer, uma vez que compreende-se a necessidade em divulgar os enormes benefícios advindos da prática do mesmo. Segundo Bojikan (2005, p.78), "o voleibol é um instrumento usual da Educação Física, tendo nas áreas da saúde, da educação e da competição, seus principais campos de atuação". Já Brougere (1998, p. 44), afirma que "o jogo está no centro da constituição de uma identidade, e nesse sentido, ele é um espaço de aprendizagem, apesar de sua aparência de desordem e mesmo de violência".

Para Matos (1997) as relações de gênero visam;

destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder. (Matos, 1997, P. 97).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se por meio da literatura científica que compreender a questão de gênero nas práticas desportivas é mais do que simplesmente formular teorias e entender, logicamente, as indagações que elas trazem. É, antes de qualquer coisa, abstrair. Abstrair os preconceitos, valores de conduta e formas engessadas de enxergar o masculino e o feminino. Abstrair não no sentido de ignorá-los, como se não existissem, mas no de questioná-los, de compreender o porquê de existirem e de como podem contribuir e influenciar nas construções de uma dada sociedade.

É importante, pois, ressaltar que, quando o voleibol é visto pelo aluno apenas para apresentar resultados nos jogos escolares ele pode se desestimular, não gostar de voleibol. É por isso que nesta pesquisa defende-se que o voleibol deve ser visto como conteúdo escolar, pois é uma prática desportiva que explora diversos movimentos corporais do aluno, sendo esse um meio de socialização entre meninos e meninas que poderão estar praticando juntos.

Portanto, o professor precisa entender que a prática do esporte nas escolas deve ser entendida e trabalhada como conteúdo da Educação Física, através de jogos e do lúdico, despertando nos alunos o prazer de movimentar-se. Uma vez que a escola é um ambiente onde ocorre a pluralidade de relações sociais e, portanto, é o espaço ideal para a prática desportiva, pois uma das funções da escola é organizar a sociedade, participando da formação integral do aluno, inserindo-o no universo da cultura corporal.

Então, pelo que vimos, o voleibol enquanto jogo desportivo coletivo, evidência uma estrutura funcional exclusiva, marcada pela forma particular de manipulação da bola, ocupação do espaço.

4. REFERÊNCIAS

ABREU. Jânio Jorge vieira de. & ANDRADE. Thamyres Ramos de. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua Contribuição para as relações de gênero na escola.** 2010. Disponível em: www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/.../GT_10_01_2010. Acesso em: 01/05/2017.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. **Educação Física Escolar E Igualdade De Gênero: Um Estudo Transcultural – Primeiras**

Aproximações. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia, 2009.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. **Ensinando Voleibol**. 3ª edição. São Paulo: Phorte, 2005.

BRASIL. LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <w.mec.gov.br>. Acesso em: 17 agosto 2017.

BROUGÉRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

FERREIRA, João Batista Braga, **O processo de ensino-aprendizagem do voleibol no contexto do programa segundo tempo nas escolas da rede municipal de ensino de Maceió**. Maceió (AL), 2007. TCC (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2007. Disponível em; <http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/1393588077Monografia_joao_Batista_braga_Ferreira.pdf>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOELLNER, S. V. **Feminismos, mulheres e esportes**: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Revista Movimento, v.13, n.2, maio/ago, p. 171-191, 2007. Disponível em; <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3554/1953>> Acesso em 19 de agosto de 2017.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Outras histórias**: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.). et alli. **Gênero trajetória em Debate: e perspectiva da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. P. 83-114.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

ROMERO, E. **A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V.15, n. 3, jan., 1994.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil na análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, Jul./dez. 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: 6ª edição. Editora Atlas, 2004.

VIANNA, Cláudia. **Educação e gênero**: parceria necessária para a qualidade do ensino. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e educação**: caderno para

professores. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.